

## ***Peirce, Deleuze e Guattari e o problema do diagrama na filosofia da diferença: das raízes matemáticas do diagrama semiótico***

DIEGO FRANK MARQUES CAVALCANTE\*

FLÁVIA CRISTINA LEMOS\*\*

FLÁVIO LUIZ DE CASTRO FREITAS\*\*\*

### **Abstract**

This article examines how Deleuze and Guattari appropriate Peirce's concept of the diagram. In their reading, the Peircean diagram is reduced to "icons of relation" within the framework of semiotics. I argue, however, that if the diagram is understood through its mathematical roots, it can serve more productively within a philosophy of difference. In mathematics, the diagram emerges as an abstract and self-referential space, well-suited to the simulation and differentiation of ideas. For Peirce, mathematics constitutes the most abstract form of knowledge and should therefore underpin the development of less abstract sciences, such as semiotics. Within the notion of the diagram as an "icon of relations," then, lies the implicit presence of the autopoietic mathematical diagram, which provides the abstract and differential foundation for the construction of diagrammatic icons.

### **Keywords**

Philosophy of Difference, Semiotic, Immanence, Schizossemiotics, Diagram.

### **Introdução: Da filosofia da diferença e do conceito de diagrama**

A filosofia da diferença de Deleuze e Guattari é marcada por seu caráter imanente e por suas alianças: tanto com a filosofia, quanto com a arte, ou ainda com a ciência. Trata-se do pensamento como roubo. No escopo da filosofia deleuziana, alguns filósofos são capturados sistematicamente, inclusive, sob a forma de trabalhos monográficos.

Filósofos como Nietzsche, Hume, Bergson, Espinosa, Kant e Foucault são exemplos do tipo de aliança referida. É claro que não interessa a Deleuze fazer uma filosofia do comentário, mas antes capturar conceitos que podem funcionar na sua filosofia.

Por outro lado, existem alianças esporádicas que também são importantes para o pensamento de Deleuze e Guattari. Duns Scotus, Lois Hjelmlev, Noam Chomsky, Gilbert

---

\*Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: diegomarques@unifesspa.edu.br

\*\* Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: flaviacslemos@gmail.com

\*\*\* Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: lavio.luiz@ufma.br

Simondon, Emmanuel Levinas, Francisco Varela, fazem parte desses encontros. Charles Sanders Peirce (1839-1914) pode ser colocado no âmbito dessas capturas pontuais.

Na obra conjunta de Deleuze e Guattari, Peirce é citado pela primeira vez em 1980, no livro *Mil Platôs*, de forma específica, no volume 02, da edição brasileira (Deleuze & Guattari 2007: 100). Nos trabalhos “solos” dos autores, é possível encontrar várias referências a Peirce. Deleuze nos seus livros sobre cinema: *Imagem-movimento* (1983) e *Imagem-tempo* (1990). Guattari, por sua vez, usa Peirce em textos como: *L’an 01 des machines abstraites* (2013); *Micropolítica: cartografias do desejo* (Guattari & Rolnik: 1986), *Inconsciente Maquínico* (Guattari: 1988), *Caosmose* (Guattari: 1990), *Revolução Molecular* (2024) de Guattari.

Há um debate se consolidando sobre o conceito de Diagrama em Peirce, Deleuze e Guattari. Gangle (2015), por exemplo, articula Peirce, Deleuze e Espinoza, para pensar as relações entre imanência, ontologia e diagrama. O autor destaca aspectos ontológicos do diagrama, além de seu caráter expressivo e construtivo em vez de meramente representativo.

Vellodi (2014) discute o diagrama como “agente construtivista”. O diagrama é entendido de forma equivalente ao conceito de máquina abstrata. Vellodi (2014) propõe que, para Peirce, o diagrama está no escopo de um construtivismo lógico, enquanto para Deleuze e Guattari é ontológico, político e estético.

Cavalcante (2025), por sua vez, enfatiza a importância do caráter sistemático e complexo do sistema filosófico de Charles Sanders Peirce para entender seu conceito de diagrama. Trata-se de evidenciar as relações entre os tecidos de saberes da arquitetura filosófica de Peirce que podem didaticamente ser resumidos da seguinte maneira: Matemática, Filosofia e Ciências Especiais.

A matemática está interessada nos aspectos hipotético-dedutivos do pensamento, sem levar em conta sua correlação com o que, de fato, ocorre na realidade. É uma potência autopoiética do pensamento. A filosofia captura o pensamento matemático e o associa às observações cotidianas. As ciências especiais tomam os conceitos da filosofia e os atualizam em campos de observações bem delimitados que requerem modos de experimentação e observação especializados.

A filosofia, por sua vez, divide-se em Fenomenologia, Ciências Normativas e Metafísica. A Fenomenologia observa os fenômenos e busca extrair as categorias universais da aparência. As ciências normativas acoplam fins aos fenômenos e se dividem em três: estética, ética e semiótica. A estética deve fazer uma crítica do admirável em si. A ética deve associar o admirável em si a valores e propósitos. A semiótica ou lógica deve avaliar os meios razoáveis para se chegar aos fins éticos e estéticos. É fundamental destacar que, no escopo das ciências normativas, as sensibilidades (estética), valores (ética) e meios razoáveis (semiótica) devem passar perpetuamente pelo processo social de crítica e heterocrítica.

A semiótica vai ser dividida em três ramos: gramática especulativa, lógica crítica e retórica especulativa. A metafísica se apropria das ciências normativas para produzir uma teoria da realidade.

No entanto, segundo Cavalcante (2025), nas décadas de 1970 e 1980, o pensamento de Peirce se apresentava de modo bastante fragmentado na Europa, eclipsando as relações entre as dimensões da arquitetura filosófica de Peirce. Em 1978, foi publicada uma versão em francês de um pequeno compilado de textos de Peirce sobre semiótica: *Écrits sur les signes* (Peirce: 1978). O conteúdo conta apenas com 278 páginas e traz, sobretudo, aspectos da fenomenologia e semiótica.

Nos textos de Deleuze e Guattari, a referência direta a Peirce é, na maioria das vezes, relacionada a esse pequeno compilado. Existem algumas citações indiretas em notas de rodapé dos *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, como em Guattari (1988: 210), bem como em citações indiretas a partir de Charles Morris e Ronan Jakobson.

Cavalcante (2025), partindo desses indícios, sugere que, se Deleuze e Guattari tivessem acesso maior aos textos de Peirce, o americano poderia ter se tornado um intercessor mais sistemático e simpático para os franceses. O problema que move atualização desses acoplamentos é pensar as possíveis ressonâncias entre produção desejante e seus rastros semióticos. O autor, portanto, chama de esquizosemiótica um programa de pesquisa para a atualização de alianças entre os conceitos de Peirce, Deleuze e Guattari com o propósito de investigar semioticamente a produção da diferença.

No escopo do referido programa de pesquisa, o problema que anima o presente trabalho é pensar o conceito de diagrama a partir das relações entre Peirce, Deleuze e Guattari. De forma específica, sugere-se que, Deleuze e Guattari tivessem acesso mais amplo aos textos de Peirce, poderiam utilizar o conceito peirceano de forma mais conveniente a uma filosofia da diferença em vez de reduzi-lo a um “ícone de relações”.

O conceito de diagrama em Peirce, como discutiremos, tem suas raízes na matemática, onde é pensado como produtor de um espaço abstrato e autopoietico e propício para simulação de novas ideias (hipóteses-abduções). Aproximando-se, portanto, muito mais da noção de diagrama ou máquina abstrata para Deleuze e Guattari do que a noção reducionista de “ícone de relações”.

## **A filosofia da Diferença e da invenção de conceitos**

A filosofia da diferença de Gilles Deleuze (2009) pode ser, inicialmente, compreendida por meio da crítica à noção de representação pautada na universalidade progressiva da razão (hegelianismo), que avalia a diferença como degeneração em relação a um modelo, ressonâncias do platonismo; à concepção de sujeito como privado e autodeterminado; e ao caos e ao aleatório enquanto elementos irrelevantes do conhecimento.

Nesse sentido, a filosofia da diferença deleuzeana privilegia: o acontecimento em relação às estruturas; o agenciamento face ao sujeito autodeterminado e autoconsciente; a ética das circunstâncias imanentes a uma moral eminente; a virtualidade e suas atualizações em relação aos binarismos; uma ontologia do devir e da diferença à de ser e da identidade (Machado 2009).

Na trama da filosofia da diferença, pensar não está relacionado a um julgamento a partir de um modelo eminente, mas à produção da diferença graças a uma relação

inventiva com o caos, caosmose. Pensar é um ato inventivo associado a uma violência que rompe os esquemas de representações dominantes, forçando a experimentação. Deleuze & Guattari (2010) propõem três territórios “caóides” de invenção:

Numa palavra, o caos tem três filhas segundo o plano que o recorta: são as Caóides, a arte, a ciência e a filosofia, como formas do pensamento ou da criação. Chamam-se de Caóides as realidades produzidas em planos que recortam o caos. (Deleuze & Guattari 2010: 267)

Neste artigo, interessa-nos enfatizar a invenção de conceito filosófico, de forma específica, repensar a noção de diagrama e da produção da diferenciação a partir de Peirce, Deleuze e Guattari. No entanto, antes de adentrar especificamente no conceito e diagrama, é preciso destacar como Deleuze e Guattari pensam a noção de conceito.

Para o construtivismo filosófico proposto por Gilles Deleuze & Félix Guattari (2010: 45), invenção filosófica consiste em traçar um plano de imanência, forjar personagens conceituais a partir dos quais vai inventar blocos conceituais. O processo se precipita a partir de um problema que força o filósofo a pensar. É a violência problemática que abre o agenciamento filosófico para o caos. Esse último pode ser entendido como a “disfunção” ou não relação entre termos indiferenciados (Deleuze & Guattari 2010: 265).

Nessa trama, forças atrativas e repulsivas reordenam o espaço virtual das ideias. Trata-se da forja de possíveis relações melódicas entre termos que não compartilhavam a mesma órbita de ideias. “O plano de imanência é um corte no caos” (Deleuze & Guattari 2010: 51).

O que está em jogo nessa dinâmica é a composição do espaço ideal, que estaria entre a total falta de consistência do caos e os espaços conceituais já ordenados. O plano de imanência, por sua vez, é povoado pelos personagens conceituais que são os intercessores para a invenção filosófica.

o personagem conceitual e o plano de imanência estão em pressuposição recíproca [...] Por um lado, ele mergulha no caos, tira daí determinações das quais vai fazer os traços diagramáticos de um plano de imanência [...] Por outro lado [...] faz corresponder traços intensivos de um conceito que vem ocupar uma região. (Deleuze 1992: 99)

No contexto da invenção de conceito para uma filosofia da diferença, pensadores como Espinosa, Nietzsche, Bergson são “sugados” graças à sua conveniência em relação à problemática deleuziana. Da mesma forma, literatos tais como Kafka, Proust, Melville e Lewis Carroll, cineastas, pintores também se tornam intercessores para a invenção.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas, mas também coisas, plantas, até animais. (Deleuze 1992: 156)

Os personagens conceituais são, portanto, os intercessores para a invenção filosófica. É importante destacar que não se trata de fazer uma “cópia” das ideias de um filósofo, artista

ou mesmo cientista, mas de um “duplo” ou simulacro. Trata-se do processo de diferenciação da ideia para servir à problemática que aciona o plano de imanência.

As ideias diferenciadas são torcidas de modo a funcionarem em conjunto. É nesse processo de dramatização que o conceito é atualizado. O conceito ganha consistência quando as ideias diferenciadas adquirem um funcionamento inseparável, indiscernível e intensivo. O conceito funciona na relação aditiva entre os seus termos; logo, se um termo for subtraído, o conceito perde a sua potência. A intensidade conceitual é produzida pelas zonas de indiscernibilidade entre as ideias torcidas no seu funcionamento inseparável. “Um conceito é uma heterogênese, isto é, uma ordenação dos seus componentes por zonas de vizinhança”. (Deleuze & Guattari 2010: 28-29) Deleuze e Guattari citam o exemplo do Cogito em Descartes:

O enunciado total do conceito, enquanto multiplicidade, é: eu penso “logo” eu sou; ou, mais completamente: eu que duvido, eu penso, eu sou, eu sou uma coisa que pensa. É o acontecimento sempre renovado do pensamento, tal como o vê Descartes. O conceito condensa-se no ponto E, que passa por todos os componentes, e onde coincidem E' — duvidar, E'' — pensar, E''' — ser. Os componentes como ordenadas intensivas se ordenam nas zonas de vizinhança ou de indiscernibilidade que fazem passar de uma à outra, e que constituem sua inseparabilidade: uma primeira zona está entre duvidar e pensar (eu que duvido não posso duvidar que penso), e a segunda está entre pensar e ser (para pensar é necessário ser). (Deleuze & Guattari 2010: 37)

Convém sumarizar alguns tópicos-chave para a invenção do conceito: a) É motivado por um problema regional; b) desses problemas emerge um plano de imanência que cria uma zona de atração para intercessores, os personagens conceituais da filosofia; c) esses personagens são torcidos e acoplados de modo a funcionarem de forma coletiva, indiscernível e indecomponível; d) pensar conceitualmente, portanto, é criar relações singulares entre os termos que germinam em um dado plano de imanência.

No próximo tópico, discutiremos a composição do conceito de Diagrama em Deleuze & Guattari, quando os franceses tomam Peirce, de forma específica, sua semiótica como personagem conceitual. Em seguida, no escopo de um programa esquizossemiótico, faremos alianças com a noção de diagrama na matemática peirceana.

## **O diagrama em Deleuze e Guattari em sua relação com Peirce**

O debate sobre a noção de Diagrama em Peirce, Deleuze e Guattari não é inédito. É possível encontrar trabalhos importantes sobre o tema, como, por exemplo, os de Delanda (1998), Teyssot (2010) e Vellodi (2014).

Delanda (1998) aproxima a noção de diagrama à de máquina abstrata. Ambos são entendidos como funções operativas na emergência de relações, intensidades e formas. Não obstante, Teyssot (2010) enfatiza a equivalência funcional entre diagrama e máquina abstrata enquanto potência produtiva, seja na arte, na ciência ou na filosofia. Vellodi

(2014), por sua vez, pensa o diagrama em Peirce no escopo da esfera propriamente lógica, enquanto para Deleuze se apresenta como gerador de intensidade e forma.

É a partir do segundo tomo do *Capitalismo e Esquizofrenia*, *Mil Platôs* de 1980, que Deleuze e Guattari passam a utilizar de forma recorrente o conceito de diagrama, tomando Peirce como intercessor. Em seguida, os autores retomam Peirce em seus trabalhos individuais. Deleuze (2007), por exemplo, no livro sobre o pintor Francis Bacon. Félix Guattari, por sua vez, em *Inconsciente Maquínico* (1988) e *Caosmose* (1992), também faz referências importantes ao lógico americano.

Nos referidos livros, a maioria das citações de Peirce vem do livro *Écrits sur le signe*, publicado em 1978, na França. No aludido texto, é possível encontrar escritos, sobretudo, sobre semiótica e fenomenologia. Cavalcante (2025) sugere que, se Deleuze e Guattari tivessem maior acesso aos textos de Peirce, teriam capturado de forma mais sistemática o pensamento do lógico americano.

Esquizossemiótica seria um programa de pesquisa para atualizar bricolagens conceituais entre Peirce, Deleuze e Guattari para pensar os rastros semióticos da produção desejante. Nessa trama, Cavalcante (2025), por exemplo, propõe conceitos como o de Legi-signo molecular em reterritorialização para pensar a emergência de hábitos singulares como contra-efetuações de acontecimentos. O surgimento de regularidades incipientes e inovadoras seria rastros semióticos de produções desejantes. Não convém aprofundar as relações propostas por Cavalcante. Para isso, seria necessário um texto exclusivo para tal fim. Interessa-nos apenas desenvolver sua proposta esquizossemiótica de atualizar relações entre Peirce, Deleuze e Guattari.

Aqui, de forma específica, interessa-nos expandir a noção peirceana de diagrama do escopo da semiótica, tal como é capturada por Deleuze e Guattari, para o contexto da matemática de Peirce. Essa relação possibilita pensar o diagrama não apenas como signo de correlações internas, mas como potência abstrata de diferenciação.

Existem alguns estranhamentos que Deleuze e Guattari fazem dos conceitos de Peirce, tais como: uma confusão entre fenomenologia e semiótica; o uso do conceito significado-significante relacionado a Peirce; a supressão do conceito de imagem como atualização da primeiridade da classificação dos hipóícones; pouca atenção ao caráter recursivo da semiótica peirceana (Cavalcante: 2025).

Nossa hipótese é de que esses equívocos seriam frutos da restrição textual dos textos de Peirce nas décadas de 1970 e 1980. Nesse sentido, e se Deleuze e Guattari tivessem acesso aos textos matemáticos de Peirce sobre diagrama? Trata-se, portanto, de um espaço esquizossemiótico para atualizar o pensamento diagramático em Peirce, Deleuze e Guattari. Nessa trama, convém enfatizar algumas passagens em que Deleuze e Guattari citam o conceito de diagrama em Peirce para que depois possamos destacar alguns trechos fundamentais para nosso interesse.

A distinção dos índices, ícones e símbolos vem do Peirce. Mas ele os distingue pelas relações entre significante e significado (contiguidade para o índice, similitude para o ícone, regra convencional para o símbolo); o que leva a fazer do “diagrama” um caso especial de ícone (ícone de relação). Peirce é verdadeiramente o inventor da

semiótica. É por isso que podemos retomar seus termos, mesmo mudando sua acepção. Por um lado, índices, ícones e símbolos nos parecem se distinguir pelas relações de territorialidade-desterritorialização, e não pelas relações significante e significado. Por outro lado, o diagrama nos parece, conseqüentemente ter um papel distinto, irreduzível ao ícone e ao símbolo. (Deleuze & Guattari 1997: 100)

“diagrama” é uma expressão retomada de Charles Sanders Peirce<sup>1</sup>. Esse autor classifica os diagramas entre os ícones: são o que ele chama de ícones de relação. As interações diagramáticas (ou interações semióticas), na terminologia presente, opõem-se às redundâncias semiológicas. As interações diagramáticas fazem os sistemas de signos trabalharem diretamente com as realidades às quais elas se referem, operando uma produção existencial de referente, enquanto que as redundâncias semiológicas se representam, proporcionando equivalentes de tais realidades, sem qualquer alcance operatório. Exemplo: os algoritmos matemáticos. (Guattari & Rolnik 1986: 320)

Charles Sanders Peirce, que qualificava o diagrama de ícone de relação e que o assimilava à função dos algoritmos, dele nos propôs uma visão ampliada que convém ainda, na presente perspectiva, transformar. O diagrama, com efeito, é concebido aí como uma máquina autopoietica, a o que não apenas lhe confere uma consistência funcional e uma consistência material, mas lhe impõe também o desdobramento dos seus diversos registros de alteridade, que o faz escapar de uma identidade restrita a simples relações estruturais. (Guattari 1992: 57)

Destacaremos dois aspectos sobre o diagrama nas passagens supracitadas: a) uma que reduz a noção de diagrama em Peirce a um ícone de relações; b) uma segunda que apresenta o diagrama como um espaço virtual gerador de abstrações e produtor de realidade, irreduzível a modelos identitários e representativos.

Deleuze e Guattari vão buscar outros intercessores para pensar a noção de diagrama para além da noção de ícone “de relação”. No mil Platôs, Deleuze e Guattari já apresentam aspectos importantes da sua visão “alargada” de diagrama.

Convém destacar a importância do diagrama para o funcionamento dos agenciamentos<sup>2</sup>. O agenciamento tem uma tetralavência: expressão e conteúdo; desterritorialização e reterritorialização. Expressão são os regimes semióticos dominantes envolvidos com a rotação e conservação do território. O conteúdo se refere às máquinas organizadas que caracterizam o corpo social do território.

Por outro lado, desterritorialização é a abertura do agenciamento à dimensão caótica a partir das linhas de fuga. Deleuze & Guattari (1997: 99) destacam a máquina abstrata como “responsável” por operar os picos de desterritorialização dos agenciamentos.

As máquinas abstratas estão envolvidas na abertura do território para a dimensão caótica que pode multiplicar as conexões do agenciamento. Os franceses equivalem

---

<sup>1</sup> Félix Guattari grafa de forma equivocada o nome do filósofo americano em alguns de seus textos. Em vez de Peirce o pensador francês grifa Pierce.

<sup>2</sup> Não é conveniente aprofundar a noção de agenciamento nesse texto dada a restrição de espaço. Para uma visão mais sistemática ver Cavalcante (2020; 2022).

diagrama e máquina abstrata como potência de funcionamento que não se reduz à dimensão estratificada de conteúdo e expressão. O diagrama é uma função pura ainda não atualizada em forma ou substância.

Em alguns textos, como em Deleuze & Guattari (2005: 229), os franceses especificam o funcionamento da máquina abstrata a partir das relações entre diagrama e *phylum*. O diagrama opera como “funções puras” ou traços de expressão. O *phylum* se apresenta como “matéria não formada” ou traços de conteúdo. Tudo se passa como se o diagrama estivesse relacionado ao aspecto virtual/genético da expressão semiótica, enquanto o *phylum* na virtualidade maquínica do conteúdo.

O processo de reterritorialização, por sua vez, reordena o território. Esses processos podem ter: predominância da ação das linhas molares de conservação (desterritorialização negativa); dos processos passionais e segmentados de subjetivação (desterritorialização relativa); ou de processos de singularidade na emergência de linhas moleculares (desterritorialização absoluta). Em cada modo de reterritorialização opera uma máquina abstrata, abrindo e fechando os territórios.

É importante destacar o caráter imanente, agenciado e complexo das máquinas abstratas. Há todo um emaranhamento de tipos diferentes de máquinas abstratas em um agenciamento. São funcionamentos singulares. Pode haver uma máquina abstrata poética que produz mixagens de funções puras ou mesmo capturas de funções estriadas. Trata-se da composição de forças expressivas em que a referência é autopoiética, como na matemática (Deleuze & Guattari 2007: 100). Por outro lado, máquina abstrata capitalista que captura todo tipo de processo revolucionário para seu funcionamento fetichista.

Existem tipos de máquinas abstratas que não param de trabalhar umas nas outras, e que qualificam os agenciamentos; máquinas abstratas de consistência, singulares e mutantes, com conexões multiplicadas; mas também máquinas abstratas de estratificação, que circulam o plano de consistência com um outro plano; máquinas abstratas sobrecodificadora ou axiomáticas, que realizam as totalizações, homogeneizações, conjunções e fechamentos. (Deleuze & Guattari 2005: 231)

Deleuze (2005), em seu livro sobre Foucault, também reserva um espaço privilegiado para o diagrama. Machado (2009) sintetiza as principais definições de diagrama no referido trabalho:

Deleuze dá quatro definições do diagrama: apresentação das relações de forças próprias a uma formação; repartição dos poderes de afetar e ser afetado; mistura das puras funções não formalizadas e das puras matérias não formadas; emissão, distribuição de singularidades. (Machado 2009: 192)

Nessa passagem, é possível extrair três aspectos importantes do diagrama: continuidade, imanência e diferenciação. Tal como nas discussões em Mil Platôs, o diagrama pode ser capturado pelos espaços estratificados que aqui é apresentado como o espaço do “Saber” como um arquivo (ver e falar) que comporta formações discursivas

(formas de expressão) e formações não-discursivas (formas de conteúdo), “[...] o diagrama se comunica com a formação estratificada que o estabiliza”. (Deleuze 2005: 92)

Há também uma dimensão mais flexível do diagrama, onde ele está relacionado às relações instáveis de poder que escapam, atravessam e, ao mesmo tempo, podem dinamizar os estratos, dada sua dimensão abstrata: “Dir-se-ia, de certa maneira, que os diagramas se comunicam, por cima, por baixo dos estratos respectivos” (Deleuze 2005: 69).

Os diagramas, portanto, “mergulham” no “fora caótico”, selecionando traços para a produção de funções puras diferenciadas. “O diagrama é altamente instável ou fluido, não para de misturar matérias e funções de modo a constituir mutações”. (Deleuze 2005: 45)

Em suma, a perspectiva alargada do diagrama nos referidos textos de Deleuze e Guattari pode ser pensada a partir da relação entre três conceitos: abstração, continuidade e diferenciação: a) abstração como a capacidade de “atravessar” os regimes semióticos e máquinas estriadas dominantes; b) continuidade como coexistência imanente entre forma nos estratos, função pura virtual e o caos indiferenciado; c) diferenciação como potência de mescla de funções puras para produção de singularidades emergentes.

Convém enfatizar que Deleuze e Guattari (2007: 100) indicam a notação matemática como aquela que se aproxima da potência diagramática como produção autopoietica de singularidade. Não obstante, no sistema do pensamento peirceano, a matemática é o modo mais abstrato de pensamento, e o diagrama é considerado como fundamental para seu funcionamento.

Deleuze e Guattari parecem reduzir o diagrama peirceano a um “ícone de relações” tal como aparece em uma das divisões da gramática especulativa de Peirce. Sugerimos que, se os franceses tivessem capturado as raízes matemáticas da noção de diagrama, poderiam ter encontrado em Peirce um aliado mais importante na construção da sua noção de diagrama. Isso porque a noção de diagrama matemático em Peirce é mais conveniente ao pensamento da diferença do que sua versão reduzida como “ícone de relações”. Discutiremos essa hipótese no próximo tópico.

### **Do programa esquizosemiótico: atualizando a noção de diagrama em Peirce, Deleuze e Guattari**

Segundo Santaella (2004), a semiótica deve ser pensada recursivamente dentro do sistema filosófico de Peirce, ou seja, para compreender suas sutilezas, é preciso entender o modo como a teoria dos signos incorpora os saberes mais abstratos como a fenomenologia e a matemática (Santaella 2002).

É possível simplificar o sistema de pensamento de Peirce em três grandes ramos: matemática, filosofia e ciências especiais. A filosofia, por sua vez, é dividida em fenomenologia, ciências normativas e metafísica. A matemática é a mais abstrata e ficcional de todas: não interessa à matemática qualquer experimento empírico, apenas simulações hipotéticas e dedutivas (Ibri 1992).

A matemática é [...] a mais abstrata das ciências, isolada de toda investigação da verdade existencial. Consequentemente, a tendência a atacar primeiro os problemas mais abstratos [...] levou a matemática a ser o primeiro campo de investigação. (CP 1.53)

Interessa ao matemático a invenção de uma ficção na qual ele é capaz de deduzir as consequências necessárias. Nessa trama, do ponto de vista inventivo, o matemático se aproxima do poeta.

O geômetra desenha um diagrama que, se não é exatamente uma ficção, é, pelo menos, uma criação, e, por meio da observação desse diagrama, ele consegue sintetizar e mostrar relações entre elementos que antes pareciam não ter nenhuma conexão necessária. (CP 1.383)

Assim, o diagrama é produção autopoietica de ficções sem qualquer pretensão de representar algo “exterior”. São fluxos expressivos que forjam um espaço abstrato para a emergência de razoabilidades singulares: “[...] a verdade matemática é derivada da observação de criações de nossa própria imaginação visual, que podemos registrar no papel na forma de diagramas” (CP 2.77).

Pensar matematicamente é produzir um diagrama de possibilidades e deduzir consequências necessárias. A necessidade do diagrama só se aplica ao seu mundo fictício e não tem qualquer pretensão de “copiar” a realidade. A realidade matemática é autorreferente. “A matemática é o estudo do que é verdadeiro em estados hipotéticos de coisas” (CP. 4233).

O diagrama peirceano, ao nível matemático, estabelece relações convenientes com o diagrama “alargado” apresentado por Deleuze e Guattari. A observação abstrativa da matemática também é produtora de realidade. Peirce, assim como Deleuze e Guattari, enfatiza a atividade inventiva do cientista, aproximando-se da arte (CP 1383). O diagrama matemático possibilita traçar “plano” que permite a ordenação e diferenciação da ideia na sua potência autopoietica.

No raciocínio matemático, há um tipo de observação. Pois um diagrama geométrico ou conjunto de símbolos algébricos é construído de acordo com um preceito abstratamente declarado, e entre as partes de tal diagrama ou conjunto observa-se a obtenção de certas relações, diferentes daquelas que foram expressas no preceito. Estas, sendo declaradas abstratamente e sendo generalizadas, de modo a se aplicarem a todo diagrama construído de acordo com o mesmo preceito, fornecem a conclusão. (CP 2.216)

O diagrama matemático, para além da produção de um espaço abstrato para a diferenciação da ideia, também traz uma potência de continuidade e diferenciação. No escopo do sistema filosófico de Peirce, a Matemática – e, consequentemente, o diagrama –

perpassa os diferentes saberes, cofuncionando e se diferenciando com a especificidade de cada ciência.

Peirce (1998), como destacado, propõe uma maquinaria filosófica complexa que estabelece um esquema de implicações entre as ciências, partindo das mais abstratas e gerais em direção às mais empíricas e contextuais. Cada saber apresenta sua singularidade ao mesmo tempo que fornece fundamento para a ciência com menor grau de abstração.

Assim, por exemplo, na fenomenologia, Peirce combina o pensamento matemático e suas diagramações à observação generalizada dos fenômenos. Não se trata mais da observação de diagramas em espaços abstratos e autorreferentes, mas de fazê-los cofuncionar com os fenômenos. Da mesma forma, a fenomenologia e, conseqüentemente, a matemática, oferecem bases para as ciências normativas, que são três: estética, ética e semiótica (Rosa 2021).

A semiótica é a ciência preocupada com a investigação da semiose ou ação do signo. Trata-se de investigar o processo de continuidade entre afetos extrínsecos (objeto dinâmico) e as quase-mentes acopladas (interpretante) a partir da mediação do signo (fundamento do signo). A semiose, portanto, é um processo triádico de continuidade (Santaella 2002; 2004).

Por semiosis designo [...] uma ação ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação entre três sujeitos, um signo, o seu objeto e os seus interpretantes; e sua influência tri-relativa nunca é irreduzível à ação de seus pares. (Peirce 1998: 155)

Peirce propõe três campos para a semiótica: gramática especulativa, lógica crítica e retórica especulativa. A gramática especulativa preocupa-se em apresentar as relações lógicas entre os signos para ser possível a produção lógica de sentido por continuidade. A lógica crítica está interessada no rigor inventivo, lógico e experimental na interpretação dos signos. A retórica especulativa é uma teoria de como deveria funcionar a combinação de raciocínios no contexto científico (Santaella: 2022).

É na gramática especulativa que Peirce apresenta as famosas tricotomias e classes de signos. Nessa dinâmica, Peirce apresenta os tipos de signos e suas possibilidades lógicas de combinação em uma dinâmica análoga à tabela periódica dos elementos químicos, feita por Dmitri Mendeleev.

A primeira tricotomia descreve as relações no fundamento do signo, ou seja, do signo em relação a si mesmo: quali-signo, sin-signo e legi-signo. A segunda tricotomia dos signos descreve as possibilidades lógicas de relações entre o signo e seu objeto dinâmico: ícone, índice e símbolo.

O ícone, por sua vez, também será dividido de acordo com o modo como pode estabelecer relações com seu objeto dinâmico: imagem, diagrama e metáfora. Aqui, o diagrama é atualizado para estabelecer correlações analógicas com as do objeto, ou seja, deve ser possível pensar as relações “internas” de um objeto a partir das relações intrínsecas de um dado diagrama: “Um diagrama é principalmente um Ícone de relações inteligíveis” (CP. 4531).

É, portanto, no escopo das divisões do ícone que Deleuze e Guattari encontram o conceito de diagrama em Peirce. É preciso, no entanto, entender que, antes de ser um ícone de relações, o diagrama é a produção de um espaço abstrato de inteligibilidade que tem as suas raízes na matemática.

O diagrama matemático está, portanto, implícito no diagrama icônico semiótico. É preciso antes inventar uma expressividade autorreferente para, em seguida, relacionar a suas relações internas com as relações internas de um possível objeto, propiciando a emergência de um ícone de relações.

### **Considerações provisórias**

Como Deleuze e Guattari poderiam ter pensado a noção de diagrama em Peirce se fossem buscar na matemática os seus fundamentos? Aqui, numa perspectiva esquizossemiótica, sugerimos que a noção de diagrama matemático em Peirce seria mais conveniente a uma filosofia da diferença do que uma versão reduzida a um “ícone de relações”, no escopo da gramática especulativa. Trata-se, como adverte Santaella (2002; 2004), de entender a semiótica de forma recursiva dentro do sistema mais amplo da filosofia de Peirce.

A noção de diagrama é fundamental na filosofia madura de Deleuze e Guattari, sobretudo, quando aparece como máquina abstrata na dinâmica de produção de continuidade e diferenciação. Deleuze e Guattari vão buscar em Peirce uma noção de diagrama, no entanto, parecem ceifar a potência do conceito a um “ícone de relação”.

Agrada-nos à ideia de que a noção de diagrama matemático em Peirce seria mais conveniente à filosofia da diferença. Isso porque o diagrama matemático oferece aspectos abstratos de continuidade e produção autorreferente da diferenciação que trazem simpatias com a noção de diagrama que Deleuze e Guattari desenvolvem para além de Peirce.

Em trabalhos vindouros, num projeto esquizossemiótico, pretendemos ampliar o debate do conceito de diagrama para o problema da ontologia em Peirce, Deleuze e Guattari a partir do acoplamento com a noção de ritornelo (Deleuze e Guattari) e hábito (Peirce).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Cavalcante, D. F. M. (2020). “O procedimento de criação: imanência e produção da diferença em Gilles Deleuze e Félix Guattari”. *Revista Trágica: filosofia da imanência*, Vol.13. N.3. <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/37298>
- Cavalcante, D. F. M. (2022). “Pensar com a arte: Por uma Estética da Sensação em Deleuze e Guattari”. *Prometheus – Journal of Philosophy*, [S. l.], v. 14, n. 40, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/17447>.

- Cavalcante, D. F. M. (2025). *Esquizossemiótica e psicologia da diferença: Acordos discordantes entre Peirce, Deleuze e Guattari. Cartografia das invenções artísticas*. Curitiba: CRV.
- DeLanda, M. (1998). "Deleuze, diagrams, and the genesis of form". *ANY Magazine*, New York, n. 23, 30–35.
- Deleuze, G. (1983). *A imagem-movimento: cinema 1*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Deleuze, G. (1990). *A Imagem-Tempo: Cinema 2*. São Paulo: Brasiliense.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2005). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- Deleuze, G. (2007). *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 01. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 02. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2005). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 05. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- Gangle, R. (2015). *Diagrammatic immanence: Category theory and philosophy*. Edinburgh: University Press.
- Guattari, F. (1988). *O Inconsciente Maquínico. Ensaio de esquizoanálise*. São Paulo: Papyrus Editora.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose. Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Guattari, F. (2013). "L'an 01 des machines abstraites ». In F. Guattari, *Qu'est-ce que l'écosophie?*. Paris: Lignes, 41-49.
- Machado, R. (2009). *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Peirce, C. S. (1978). *Écrits sur le signe*, org. Gérard. Deledalle. Paris : Seuil.
- Peirce, C. S. (1998). *Antologia Filosófica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda.
- Peirce, C. S. (2008). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- Peirce, C. S. (1958). *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VI. Hartshorne, C.; Weiss, P. (eds.). Charlottesville: Intalex Corporation. MA: Harvard University, 1931-1935.
- Ibri, A. (1992). *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva e Hólon.
- Ibri, I. (2020). *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas: vol. I* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; FiloCzar.

- Ibri, A. (2021). *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas: vol. 2*. [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura. Acadêmica; FiloCzar.
- Rosa, A. (2003). *O conceito de continuidade em Peirce*. Braga: Dinalivro.
- Santaella, L. (2002). *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning.
- Santaella, L. (2004). *O método Anti-Cartesiano de C. S Peirce*. São Paulo: Editora Unesp.
- Teyssot, G. (2010). “The diagram as abstract machine”. In: Deleuze, G.; Guattari, F., *The Architecture of the Diagram*. Paris: Centre Georges Pompidou.
- Vellodi, K. (2014). “Diagrammatic thought: Two forms of constructivism”. In C. S. Peirce and Gilles Deleuze. *Parrhesia*, n. 20, 79–89. Disponível em: [http://parrhesiajournal.org/parrhesia19/parrhesia19\\_vellodi.pdf](http://parrhesiajournal.org/parrhesia19/parrhesia19_vellodi.pdf)